



BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA

**“Jornalismo Republicano – Das Origens à Revolução”**, Conferência apresentada por António Valdemar (Jornalista e membro da Academia das Ciências de Lisboa)<sup>1</sup> – Recensão, por Maura Pessoa.

António Valdemar (AV) inicia a sua comunicação com breves agradecimentos à equipa da Hemeroteca Municipal de Lisboa, em especial aos seus responsáveis, devendo grande parte do texto do seu último livro, ***Loures, a República em 4 de Outubro***, aos preciosos espólios que aqui se encontram. Expõe ainda, nesta introdução, alguns dos seus trabalhos em curso, com certas iniciativas da Academia Nacional de Belas Artes, como é o caso do Centenário de Sousa Viterbo, o Centenário de Ressano Garcia, e os 175 anos do Passos Manuel (1861). Ele, juntamente com José Estêvão, podem-se considerar precursores da República em Portugal.

AV começa por salientar a obra gráfica de Alberto de Souza, que pouco tempo ficou na revista semanal *Ilustração Portuguesa*, tendo colaborado algum tempo n' *O Século*, a convite do seu director, Silva Graça, passando mais tarde a ilustrar para publicações como *O Mundo*, *Novidades*, *A Capital*, entre outras. Tornou-se um grande *cartoonista* da República a seguir a Celso Hermínio, fazendo uma ponte mais fácil para os humoristas de 1912 e 1913, grupo ao qual ele pertenceu.

Segundo AV, estamos aqui a debater o problema dos jornais, os jornais da República que estão ligados a várias gerações. É uma geração que se integra em 1848, que é considerada praticamente a primeira geração republicana que depois em parte é absorvida pela Regeneração.

De figuras notáveis “numa forma também intermédia” se pode destacar uma excepcional figura muito esquecida que é Henriques Nogueira que, apesar de morrer aos 33 anos, é efectivamente o primeiro homem que faz a grande sementeira da República em Portugal, quer no livro a *Reforma (...)*, quer nos *Almanaques Republicanos*, quer na colaboração em vários jornais. Entroncando-se duas grandes figuras, Latino Coelho e Elias Garcia.

O jornalismo republicano é normalmente situado a partir do fim da monarquia. Referências como *A Vanguarda*, *O Mundo*, *O País*, *A Capital*, e também uma *República* anterior a António José de Almeida, mas com um título que já vem do século XIX. Ora, há um jornalismo republicano bastante activo, embora com publicações bastante efémeras.

AV menciona que toda a história do jornalismo vem com realidades não muito exactas, a começar pela origem do jornalismo, este propriamente dito começa

---

<sup>1</sup> Conferência apresentada na Hemeroteca Municipal de Lisboa (a 10 de Novembro de 2010) no âmbito das **Comemorações Municipais do Centenário da República (1910-2010)**.

com *A Gazeta da Restauração* de 1641. É evidente que Severino de Faria tem linguagem jornalística mas não tem a periodicidade, e a **periodicidade é o elemento fundamental do jornalismo**.

António Xavier da Silva Pereira considera que o primeiro jornal verdadeiramente republicano que aparece antes de 1848 é a *Alvorada Republicana*.

A República vai dando títulos a vários jornais, e mais tarde com várias derivações federalistas. Anteriormente, uma das componentes remonta ao problema do Iberismo, que é lançado por Dom Sinibaldo de Mas, começando a relação de Latino Coelho com o pensamento republicano de carácter iberista, ao traduzir e escrever o prefácio da obra *A Ibéria*, e despoletando as consequentes reacções. A Sociedade Histórica da Independência, que vai comemorar 150 anos de existência, surgiu em 1861 como reacção ao Iberismo, que desde as suas origens procura defender o primado de uma consciência nacional, de um leque diversificado que vai desde a República até outras formas políticas, nomeadamente monárquicas.

Esta é uma das grandes polémicas nacionais que o jornalismo acompanha e que dividem a imprensa republicana em federalistas e não federalistas. Isto verifica-se mesmo antes do Iberismo, e mais tarde na I República e na Guerra Civil de Espanha. Evidentemente, também é assinalável uma componente com emigrados portugueses que estão na Galiza e outras correntes várias do Iberismo. E em oposição à reacção oposta a esse Iberismo.

A República na sua primeira expressão jornalística é federalista, nomeadamente na questão do Ultimatum, onde há uma afirmação muito forte de patriotismo, que até podemos identificar muitas vezes com nacionalismo. Para além da tendência política, republicanos e monárquicos partilham desse sentimento. Isto é uma coisa extremamente curiosa e importante, que está assinalada na proclamação da República, numa das suas componentes ideológicas. Há assim um sentimento patriótico nacionalista que é uma das componentes mais activas da I República. Este sentimento está também patente no jornalismo. É extraordinário a enorme quantidade de jornais que se intitulam *Pátria*, em todo o país e nas mais diferentes gerações. Após os anos 30, 40 do século XX, o sentido de pátria começa de algum modo a não ser apresentado com o vigor com que se manifestou desde a segunda metade do séc. XIX. É um nome muito insistente e que percorre várias ideologias.

Um dos fundadores em 76 do partido republicano e também um dos nomes ligados ao jornalismo republicano, é Feio Terenas, republicano assumido, colaborou com variados órgãos da imprensa local, homem muito ligado às Bibliotecas e Arquivos. Foi nomeado bibliotecário-geral das Bibliotecas Municipais de Lisboa, quando se radica em Lisboa. Curiosamente, é um dos mestres do Luz de Almeida e um dos mentores da Carbonária, bibliotecário, arquivista, panfletista, e político português. Foi o fundador, principal dirigente e dinamizador da organização secreta da Carbonária Portuguesa, que teve maior preponderância no 5 de Outubro.

Esta organização secreta que nasce na Biblioteca Municipal de Lisboa advém do século XIX e tem várias ramificações. Por um lado, temos a Carbonária Lusitana, designação oficial da Carbonária dos anarquistas, liderada por Heliodoro Salgado, também mação e republicano, que depois entra em autogestão e declínio com a sua morte em 1906.

AV cita ainda alguns jornais Carbonários que participam na Revolução, fazendo porém referência a *A Pátria*, e ao *O País*. Este último seria imediatamente suprimido se a revolução falhasse.

AV expõe a segunda grande polémica, que na sua opinião passa pelo código e casamento civil, nomeadamente as leis da família, do divórcio e a separação da Igreja e do Estado. O jornalismo republicano acompanha fundamentalmente a questão religiosa em termos anti-clericais e que provocaram uma *guerrilha* muito grave na sociedade portuguesa, não tratando de outras questões essenciais, nomeadamente o problema social que não foi resolvido pela I República. A imprensa acompanha mal o problema da indústria, isto é, o caminho para a modernidade, que se dá com a introdução da CUF em Portugal e com a decidida influência de Fernando Pessoa na língua e literatura portuguesa.

A imprensa está dentro de todos estes problemas, quer numa ausência de rumo, mesmo em jornais especializados, exceptuando algumas prerrogativas, que se verificam à direita e à esquerda. No Integralismo Lusitano, Hipólito Raposo procura dar novos rumos à agricultura, embora sem uma grande abertura à indústria. Na *Seara Nova* aparece já um problema de dinamização da agricultura com uma procura de indústria através de Ezequiel de Campos, que é um dos grandes colaboradores da revista *Ocidente*, que publicou o enquadramento geoeconómico da população portuguesa através dos séculos. Homem fascinante, aderiu ao Estado Novo, e é um dos indivíduos que consegue ter uma visão de futuro. AV aponta ainda Ferreira Dias, um homem do regime, que ultrapassou o próprio regime e abriu uma grande polémica dentro do Estado Novo.

Os jornais têm nomes como *República*, *República Federal*, *República Portuguesa* ou *Democracia*, recapitula AV. Muitos deles têm o apelo à pátria, em várias dimensões ou ideologias, e também referências cosmopolitas, como por exemplo *O Mundo*, que tem toda a emblemática de uma sociedade universalista em imagem e semelhança da ideologia da maçonaria; a própria *Vanguarda* e *O Século*, jornal vincadamente republicano que mais tarde se torna num jornal de informação geral com a entrada de Silva Graça.

Outros modelos apontados por AV remontam ao *Diário de Notícias*, que passa a ser uma sociedade anónima após a instauração da República; *O Papagaio Real*, abertamente monárquico, assinalando a renovação do humor e da caricatura em Portugal; e a *Orpheu*, revista literária do modernismo português, associando nesse projecto importantes nomes das letras e das artes do século XX.

Conclui a sua comunicação com uma alusão a Brito Camacho, médico militar, escritor e político. Este iniciou a colaboração regular na imprensa e segue um percurso como publicista que o tornaria numa das mais notáveis figura do campo republicano durante os últimos anos da Monarquia Constitucional portuguesa. Dedicou-se à publicação e à colaboração com vários periódicos. E mais tarde fundou o periódico *A Lucta*, convertendo-se rapidamente no mais influente periódico republicano, tendo como colaboradores, Albino Forjaz de Sampaio, Jorge de Abreu, Joaquim Madureira, Câmara Reis, entre muitos outros.

Lisboa, 19 de Novembro de 2011.